

Problemas e perspectivas num inventário da imprensa operária portuguesa

1. IMPORTÂNCIA E NECESSIDADE DE UM LEVANTAMENTO SISTEMATIZADO DA IMPRENSA OPERÁRIA

O grande despertar, na década de 1970, de curiosidade pela história do movimento operário português e o correspondente avanço no seu conhecimento (entre as contribuições historiográficas desde há um século, mais de um terço apareceram na última década) não permitem o prosseguimento seguro de investigações sem o estabelecimento de dados básicos fundamentais, cientificamente coligidos e seriados. Sem um *corpus* documental (programas, relatórios, manifestos, etc.), uma cronologia precisa, um dicionário biobibliográfico e inventários o mais completos e actualizados de associações operárias, greves, congressos, imprensa periódica, etc., tudo o que se escreva corre o risco de continuar a ser, se não errado, pelo menos provisório e carecido de modificações a breve prazo. É isso o que já se verifica em relação a contribuições que, quando surgiram, traziam a marca da novidade e representaram dados novos muito úteis, mas que foram entretanto ultrapassados.

No domínio da imprensa operária, por exemplo, César Nogueira tinha apensado no volume II das suas *Notas para a História do Socialismo em Portugal* (Lisboa, 1966) uma recensão de 11 títulos de jornais e revistas. César Oliveira, por sua vez, em 1973 (*O Socialismo em Portugal, 1850-1900*, Porto), já veio oferecer-nos uma outra lista contendo 105 títulos.

Mais recentemente, foram Carlos da Fonseca (*Cronologia do Movimento Operário*, Lisboa, 1979) e Edgar Rodrigues (*O Despertar Operário*, Lisboa, 1980) quem enriqueceu aquelas listas com novos e avantajados elementos, alargando para cerca de 400 títulos os que passaram a ficar recenseados.

Aproveitando de todas essas contribuições e mais daquelas que de há muito eu vinha recolhendo à margem das minhas investigações, senti a necessidade, no Outono de 1980, de elaborar um ficheiro adequado à ordenação cronológica da imprensa operária e afim, até porque ia verificando algumas confusões em datas, títulos e localidades, indeterminações essas que precisavam de ser aclaradas.

Desse esforço resultou acabar por ter preenchido mais de um milhar de fichas. E creio que este número está longe ainda de esgotar a riqueza insuspeitada da proliferação da imprensa operária portuguesa neste século e meio de actividade proletária. Assim, o que ainda há um ano me pare-

* Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

ciam inventariações exaustivas afiguram-se-me agora extremamente precárias.

O ficheiro abrange jornais, revistas, folhas, boletins, órgãos de associações operárias (profissionais, mutualistas, cooperativistas, instrutivas, ideológicas, etc.), enfim, publicações com carácter de periodicidade mais longa ou mais fugás, e mesmo números únicos. O critério não pôde ser limitativo da riqueza surpreendida.

Onde pode estabelecer-se o limite da imprensa operária? Nos jornais publicados só por trabalhadores? Ou com a sua colaboração? E os destinados a trabalhadores ou agitando alguns dos seus problemas, mesmo que fossem da iniciativa de certas camadas burguesas, nomeadamente dos sectores católicos, por um lado, setembristas e republicanos, por outro? Sabe-se que, em França, o primeiro jornal operário, *L'Atelier* (Paris, 1840), foi inspirado por Buchez, um católico social.

Em Portugal, o *Jornal dos Artistas* aparece em 1836, mas é antiopeário, defensor dos interesses da burguesia setembrista. Em 1850 é que surge *O Eco Metalúrgico*, mais especificamente dedicado à defesa dos interesses da classe, aliás na sequência do surto grevista do ano precedente.

Há mesmo que contar com as hesitações e indefinições iniciais no período de formação da consciência de classe. E também com as múltiplas vias sinuosas seguidas pelo movimento operário na sua marcha já secular. Por vezes, também no mesmo ano e na mesma localidade aparecem jornais com o título igual, mas cuja duplicação se destina nitidamente a confundir os leitores, pois trata-se de orientações opostas.

Outras dificuldades são ainda de assinalar. Desconhecem-se frequentemente quem são os responsáveis pela publicação dos jornais, os seus redactores e colaboradores. Quando terminou exactamente a publicação de um jornal? As poucas colecções existentes são quase sempre incompletas, e há ainda a eventualidade de uma publicação suspensa ser retomada mais tarde.

A verdade é que, a despeito dessas e doutras imprecisões, se podem desde já colher alguns resultados minimamente válidos, ainda que não definitivos, do esforço de recolha deste milhar de títulos recenseados. Assim, por exemplo, a sua ordenação cronológica permite-nos acompanhar ao longo do tempo o despertar de uma consciência de classe, a evolução das suas palpações colectivas, a própria tessitura e alargamento da organização operária. É também elucidativa a evolução, através dos títulos, de certos termos que estiveram na moda em diferentes épocas. Os títulos e outros elementos permitem-nos ainda detectar quais as profissões mais representadas ou grupos socioprofissionais mais activos na criação de jornais e também o alastramento geográfico da rede de imprensa operária que se vai formando.

Independentemente do prosseguimento das pesquisas, o número de fichas é já suficiente para fornecer uma amostra válida de algumas sistematizações possíveis. É disso que aqui damos conta.

2. EVOLUÇÕES SEMÂNTICAS E PREDOMINÂNCIAS VOCABULARES

Aparece-nos como caso muito significativo a evolução do vocábulo primitivo *artista* para o substantivo moderno *operário* e para o termo mais avançado *proletário*.

Artista era, como se sabe, a designação tradicional dos trabalhadores ligados às corporações de «artes e ofícios». Desde 1836 até 1878 sobretudo, mas prolongando-se ainda até ao final do século, colhemos uma boa trintena de títulos que envolvem a palavra *artista*:

Jornal dos Artistas, Lisboa, 1836; *União Artística*, Porto, 1850; *O Artista*, Lisboa, 1851; *O Jornal dos Artistas*, Porto, 1852; *Defensor dos Artistas*, Coimbra, 1854; *O Artista Portuense*, Porto, 1855; *Folha de Artistas*, Porto, 1856; *O Jornal dos Artistas*, Porto, 1859; *Eco Artístico*, Porto, 1863; *O Defensor dos Artistas*, Porto, 1864; *O Clamor Artístico*, Évora, 1865; *O Clamor Artístico*, Ponta Delgada, 1867; *O Artista*, Braga, 1871; *Jornal dos Artistas*, Vila Nova de Famalicão, 1875; *Jornal dos Artistas*, Portimão, 1875; *Artístico Social*, Porto, 1875; *O Artista*, Ponta Delgada, 1877; *A Voz do Artista*, Coimbra, 1878; *Jornal dos Artistas*, Coimbra, 1878; *O Artista*, Coimbra, 1879; *O Artista*, Angra do Heroísmo, 1885; *O Artista*, Covilhã, 1886 (número único); *A Voz do Artista*, Vila Real, 1887; *A Fraternidade Artística*, Angra do Heroísmo, 1887; *Defensor dos Artistas*, Lisboa, 1889; *O Artista*, Viseu, 1891; *O Artista*, Aveiro, 1893; *A Voz do Artista*, Abrantes, 1896.

Posteriormente só nos apareceu mais *O Artista*, Monção, 1918.

O uso da palavra *operário* é mais recente. Surge em título no ano de 1850, generaliza-se durante a segunda metade do século XIX e é termo comum no tempo da I República. O seu número é mais elevado, atingindo uma meia centena:

Eco dos Operários, Lisboa, 1850; *Jornal dos Operários*, Porto, 1852; *A Voz do Operário*, Porto, 1853; *Tribuna Operária*, Lisboa, 1853; *A Tribuna do Operário*, Lisboa, 1854; *A Bandeira Operária*, Lisboa, 1856; *A Gazeta do Operário*, Lisboa, 1865; *O Operário*, Lisboa, 1867; *O Eco Operário*, Covilhã, 1869; *O Operário*, Braga, 1871; *O Operário*, Porto, 1879; *O Operário*, Lisboa, 1879; *A Voz do Operário*, Lisboa, 1879; *O Defensor dos Operários*, Lisboa, 1880; *A Cruz do Operário*, Lisboa, 1880; *O Protesto Operário*, Lisboa-Porto, 1882; *Tribuna Operária*, Lisboa, 1885; *O Operário*, Angra do Heroísmo, 1886; *O Operário e O Operariado*, Figueira da Foz, 1889; *A Tribuna do Operário*, Porto, 1889; *O Operário*, Évora, 1889; *O Jornal Operário*, Lisboa, 1890; *A Luz do Operário*, Vila Nova de Gaia, 1893; *O Partido Operário*, Lisboa, 1894(?); *O Operário*, Coimbra, 1895; *A Voz do Operário*, Funchal, 1899; *A Defesa Operária*, Funchal, 1909; *A Luta Operária*, Porto, 1909; *O Operário*, Porto, 1910; *Luta Operária*, Santo Tirso, 1910; *O Operário de Coimbra*, 1910; *O Operário*, Beja, 1911; *O Operário*, Torres Novas, 1911; *O Operário*, Horta, 1913; *O Operário*, Pombal, 1914; *União Operária*, Lisboa, 1914; *O Operário*, Ílhavo, 1916; *Movimento Operário*, Lisboa, 1917; *O Operário*, Funchal, 1920; *O Grito do Operário*, Viseu, 1920; *Eco dos Operários*, Ponta Delgada, 1921; *O Operário do Mobiliário*, Lisboa, 1923; *O Operário*, Barcelos, 1926; *O Operário*, Têxtil, Porto, 1929; *A Vanguarda Operária*, Porto e Lisboa, 1929; *O Operário Confeiteiro*, Lisboa, 1930; *O Operário*, Lisboa, 1935; *O Operário Marítimo*, Nazaré, 1975.

Já o uso da palavra *proletário* é muito mais recente. Só a detectamos em títulos de imprensa a partir do final do século, ou, mais precisamente,

desde 1892, e vai reproduzir-se mais profusamente nos anos da República (1913 é o ano em que esse termo mais aparece):

A Voz do Proletário, Vila Nova de Gaia, 1892; *A Voz do Proletário*, Porto, 1896, 1910 e 1917; *A Voz do Proletário*, Lisboa, 1897; *O Proletário*, Lisboa, 1898; *O Proletário*, Porto, 1901; *Labor Proletário*, Lisboa, 1903; *O Proletário*, Aveiro, 1907 e 1913; *O Proletário*, Lourenço Marques, 1912; *O Proletário*, Lisboa, 1913; *O Proletário*, Ponta Delgada, 1913; *O Proletário*, Lamego, 1914; *O Proletário*, Estremoz, 1918; *O Proletário*, Porto, 1921; *O Proletário*, Funchal, 1922; *O Proletário* (órgão clandestino da Comissão Intersindical), 1928(?); *O Proletário*, Angra do Heroísmo, 1928; *O Proletário*, Porto, 1929; *O Proletário Vermelho*, Lisboa, 1974.

A esperança de melhores dias aparece expressa em títulos ligados geralmente à sucessão do dia à noite, da luz à obscuridade. Os termos *aurora* e *alvorada*, por vezes *manhã*, *amanhã*, *futuro*, *luz* e *clarão*, são frequentes até 1910 sobretudo. Recenseamos uns 40 títulos:

A Alvorada, Lisboa, 1848; *Aurora da Liberdade*, Lisboa, 1853; *O Futuro*, Lisboa, 1858; *A Aurora*, Porto, 1867; *A Aurora do Cávado*, Barcelos, 1867; *A Aurora Comercial*, Lisboa, 1876; *A Aurora Comercial*, Santarém, 1877; *Aurora Comercial*, Porto, 1886; *A Aurora da Revolução*, Lisboa, 1886; *A Luz*, Lamego, 1894; *A Lanterna Hospitalar*, Lisboa, 1895; *A Aurora Farmacêutica*, Évora, 1896; *Nova Aurora*, Lamego, 1897; *Alvorada*, Lisboa, 1897; *A Lanterna*, Lisboa, 1897; *Aurora Comercial*, Braga, 1898 (número único); *A Aurora*, Lisboa, 1900; *A Aurora*, Porto, 1900; *A Alvorada*, Vila Nova de Gaia, 1901; *A Alvorada*, Évora, 1903; *A Aurora Comercial*, Coimbra, 1904; *O Clarão*, Porto, 1904; *A Aurora do Porvir*, Lisboa, 1905; *Luz Socialista*, Lisboa, 1906; *Alvorada*, Guimarães, 1907; *Amanhã*, Lisboa, 1907; *Alvorada*, Santarém, 1908; *O Clarão*, Rio Tinto, 1909; *Amanhã*, Lisboa, 1909; *A Aurora*, Porto, 1910; *O Clarão*, Coimbra, 1910; *A Alvorada*, Setúbal, 1911; *A Luz do Porvir*, Porto, 1911; *Tempos Novos*, Porto, 1911; *O Futuro*, Castelo Branco, 1912; *Luz e Vida*, Porto, 1912 e 1916; *O Despertar*, Guimarães, 1914; *O Despertar*, Lisboa, 1914; *A Vanguarda*, Lisboa, 1914; *Aurora Social*, Évora, 1919; *O Clarão*, Vila Nova de Famalicão, 1920; *O Despertar*, Lisboa, 1920 e 1922; *Luz ao Povo*, Coimbra, 1920; *Aurora*, Lisboa, 1925 e 1926; *O Despertar*, Angra do Heroísmo, 1926; *A Luz*, Porto, 1931; *Amanhã* (clandestino), 1963; *Aurora Juvenil* (copiografado), Setúbal, 1969.

A palavra *federação* aparece em títulos ao longo da segunda metade do século passado e das três primeiras décadas do actual:

A Federação, Porto, 1852; *A Federação*, Lisboa, 1856; *A República Federal*, Lisboa, 1869; *A Federação*, Coimbra, 1870; *Federação Comercial*, Lisboa, 1877, e Porto, 1891; *A Federação*, Lisboa, 1893; *A Federação*, Estremoz, 1911; *A Federação Ferroviária*, Lisboa, 1922; *A Federação*, Porto, 1927; *A Federação Agrícola*, Lisboa, 1929.

A palavra *liberdade* e suas variantes aparecem também, mas em menor número:

842 *A Liberdade*, Coimbra, 1863; *O Libertador*, Lisboa, 1867 e 1924; *A Liberdade*, Lisboa, 1879; *A Liberdade Popular*, Coimbra, 1891; *A Liber-*

dade, Lisboa, 1896, 1897 e 1901; *O Trabalhador e a Liberdade*, Porto, 1897; *O Libertador*, Setúbal, 1901; *Revista Livre*, Coimbra, 1902; *Livres*, Porto, 1907; *O Libertador*, Porto, 1908 e 1917; *Paz e Liberdade*, Carnaxide, 1909; *O Libertador*, Vila Nova de Gaia, 1913; *Terra Livre*, Lisboa, 1913.

Há outros títulos, porém, que apontam expressamente para *sentimentos de protesto e revolta, contestação e alarme, luta, rebelião e batalhas*. Generalizam-se no último quartel do século e são geralmente inspirados pela propaganda libertária ou anarquista. Recenseamos aqui quase 70 títulos:

O Rebate, Lisboa, 1873; *O Protesto*, Lisboa, 1875; *O Protesto*, Angra do Heroísmo, 1877; *O Combate*, Lisboa, 1882; *O Protesto Operário*, Lisboa-Porto, 1882; *O Escarro*, Lisboa, 1883; *O Revoltado*, Lisboa, 1887; *O Rebelde*, Lisboa, 1889; *O Hereje*, Lisboa, 1889; *A Revolta*, Lisboa, 1889; *A Revolta*, Porto, 1889; *A Luta*, Lisboa, 1890(?); *O Revolucionário*, Lisboa, 1893; *O Lutador*, Porto, 1895; *Alarme*, Lisboa, 1895; *O Grito de Revolta*, Porto, 1895; *O Agitador*, Covilhã, 1895 e 1905; *A Luta*, Évora, 1897; *O Revoltado* (clandestino), 1898; *O Grito do Povo*, Lisboa, 1899; *A Batalha*, Lisboa, 1900; *A Luta*, Lisboa, 1900 e 1902; *O Lutador*, Vila Nova de Gaia, 1901; *O Rebate*, Covilhã, 1902; *O Despertador*, Porto, 1902; *O Despertar*, Coimbra, 1902; *O Lutador*, Viana do Castelo, 1903; *O Lutador*, Maia, 1903; *O Alarme*, 1904; *O Azorrague*, Vila Nova de Gaia, 1907; *O Combate*, Guarda, 1908; *A Revolta*, Coimbra, 1908; *O Protesto*, Lisboa, 1908; *Nova Luta*, Lisboa, 1908; *A Barricada*, Gouveia, 1909; *Guerra Social*, Lisboa, 1909; *O Rebelde*, Funchal, 1910; *O Rebelde*, Leiria, 1910; *O Agitador*, Lisboa, 1911; *A Revolta*, Porto, 1911; *A Revolta*, Aljustrel, 1911; *O Rebate*, Castelo Branco, 1912; *O Revolucionário*, Lisboa, 1912 (Augusto Dias da Silva); *O Revolucionário*, Lisboa, 1912 (F. M. Ribeiro); *A Revolta*, Coimbra, ou Lisboa(?), 1913; *O Rebelde*, Coimbra, 1913; *O Lutador*, Vila Real de Santo António, 1913; *O Grito Social*, Aradas, Aveiro, 1913; *O Agitador*, Vidago, 1914; *O Combate*, Lisboa, 1914; *A Revolta*, Coimbra, 1914; *A Batalha Anarquista*, Coimbra, 1914; *A Revolta*, Lousada, 1915; *O Protesto*, Ponta Delgada, 1916; *O Protesto do Povo*, Ponta Delgada, 1917; *O Rebelde*, Beja, 1918; *A Revolta*, Lisboa, 1918; *A Batalha*, Lisboa, 1919; *O Rebate*, Lisboa, 1919; *O Grito*, Figueira da Foz, 1920; *O Grito do Operário*, Viseu, 1920; *O Alarme*, Coimbra, 1921; *O Protesto*, Lisboa, 1922; *O Rebelde*, Elvas, 1925; *A Batalha*, Funchal, 1926; *A Luta Social*, Braga 1929; *O Grito do Povo*, Porto, 1929 (número único).

As palavras *social* e *socialismo*, embora usadas em títulos de folhetos desde 1848, na imprensa periódica só começam a ser aplicadas a partir da década de 1870, aliás com bastante insistência, uma trintena de títulos:

O Pensamento Social, Lisboa, 1872; *A Ideia Social*, Angra do Heroísmo, 1876; *O Almanaque Socialista*, Lisboa, 1880; *O Direito Social*, Ponta Delgada, 1880; *A Revolução Social*, Porto, 1888; *A República Social*, Lisboa, 1890, 1908 e 1911; *A Questão Social*, Lisboa, 1892; *O Eco Socialista*, Porto, 1892; *A Revista Social*, Porto, 1894; *O Socialista*, Lisboa, 1896 e 1912; *A Social*, Coimbra, 1897; *Almanaque Socialista*, Lisboa, 1897; *Sociais* (folhetos), 1900; *A Luta Social*, Lisboa, 1902; *O Socialista no Baixo Alentejo*,

Beja, 1902; *Leituras Populares Socialistas*, Lisboa, 1902; *Estudos Sociais*, Coimbra, 1905; *Luz Socialista*, 1906; *A Guerra Social*, Lisboa, 1909; *A Reforma Social*, Lisboa, 1910; *O Catecismo Social*, Viseu, 1911; *A Revolução Social*, Coimbra, 1911; *O Socialista de Guimarães*, 1912; *A Batalha Socialista*, Lisboa, 1913; *Ação Social*, Barcelos, 1915; *A Questão Social*, Cuba, 1916; *Luta Social*, Porto, 1917; *Almanaque Socialista*, Lisboa, 1918 e 1919; *Aurora Social*, Évora, 1919; *O Socialista*, Lisboa, 1919; *A Voz Socialista*, Coimbra, 1919; *A Luta Social*, Braga, 1929 (número único); *Almanaque Socialista*, Lisboa, 1931.

A *Comuna de Paris* ou a data do seu início, 18 de Março, inspiram diversos títulos nas últimas três décadas do século XIX e nas duas primeiras do nosso século:

O 18 de Março, Lisboa, 1871 e 1897 (números únicos); *A Comuna*, Lisboa, 1896 (número único); *A Comuna*, Beja, s. d.; *A Comuna*, Lisboa, 1913 (número único); *A Comuna*, Porto, 1913 (quinzenal), e Porto, 1919 (bissemanário); *A Comuna Livre*, Porto, 1915. A partir de 1974, órgãos regionais em Loures e Pontinha.

Em contrapartida, a palavra *internacional* não a encontramos em título senão muito mais tarde e num único caso:

O Internacional, Lisboa, 1923-31.

Outras palavras típicas aparecem com menor frequência. *Democracia*, por exemplo, é uma palavra pouco usada no século XIX. São os republicanos que acabam por adoptar o termo, dando-lhe uma conotação de alargamento social, de igualdade, de integração da classe trabalhadora. A palavra aparece em títulos, sob formas variadas, mas com pouca insistência, desde 1839:

Democrata, Lisboa, 1839; *A Democracia*, Lisboa, 1861; *O Democrata*, Lisboa, 1865; *A Gazeta Democrática*, Porto, 1870; *Propaganda Democrática*, Lisboa, 1879; *O Minho Democrático*, Celorico de Basto, 1884; *Folha Democrática*, Póvoa de Lanhoso, 1888; *O Democrata da Beira*, Lamego, 1892; *O Democrata*, Lisboa, 1897; *O Democrata*, Portalegre, 1912; etc.

As *cooperativas* existem em Portugal desde 1871, depois de legalmente instituídas em 1867, mas a palavra também não é frequente em títulos até meados do nosso século:

A Cooperativa, Alenquer, 1895; *O Cooperativista*, Porto, 1916; *A Acção Cooperativa*, 1922; *A Cooperação*, Porto, 1925 (número único); *A Cooperativa*, Covilhã, 1930; *A Cooperativa*, Lisboa, 1935.

Palavras como *fraternidade* e *solidariedade* também não são muito frequentes e são mais preferidas por jornais de radicalismo republicano ou republicanos socialistas:

A Fraternidade, Viana do Castelo, 1885 (número único); *A Igualdade*, Vila Nova de Famalicão, 1885; *A Fraternidade Artística*, Angra do He-

roísmo, 1887; *A Fraternidade*, Arganil, 1888 (número único); *A Fraternidade*, Barcelos, 1905; *A Solidariedade*, Gouveia, 1907; *Fraternidade*, Ceia, 1910, Lamego, 1910 e 1920, Lisboa, 1948.

O 1.º de Maio inspira títulos quer de periódicos, quer de números únicos a partir de 1890, ano em que passou a ser comemorado, nomeadamente em Portugal, como dia internacional dos trabalhadores:

Coimbra, 1890; Lisboa, 1891 e 1893 (números únicos); Portalegre, 1893 (número único); Lisboa, 1893-1907 (folha socialista); Porto, 1897 (número único); Setúbal, 1898 (número único); Lisboa, 1902 (número único); Angra do Heroísmo, 1902; Lisboa, 1902 (número único) e 1903; Elvas, 1911 (número único); Évora, 1914 (número único); Loulé, 1917; Porto, 1927; Gouveia, 1931; Lourenço Marques, 1935 e 1936 (números únicos); Lisboa, 1939 e 1979; Coimbra, 1957 (número único dos gráficos); Lisboa, 1965 (clandestino); Lisboa, 1979 (Boletim do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Alimentar).

A palavra *greve* não é frequente nos títulos:

A Greve dos Livreiros (folhetos), Porto, 1895; *A Greve*, Lisboa, 1908 e 1917.

As palavras muito específicas de *anarquista* e *libertário* só aparecem em títulos desde 1895:

O Anarquista (4 números manuscritos), 1895; *O Libertário*, Porto, 1895; *O Petardo Anarquista* (clandestino, n.º 1 impresso em Aveiro), 1896; *Aliança Libertária*, Lisboa, 1908; *O Libertário* (clandestino), 1908; *A Anarquía*, Coimbra, 1913; *A Anarquía*, Lisboa, 1913; *A Batalha Anarquista*, Coimbra, 1914; *A Anarquía*, Lisboa, 1919; *O Anarquista*, Lisboa, 1926.

A palavra *vermelho* indica a cor do sangue e tem também uma conotação revolucionária, no sentido de capacidade de dar a vida por uma causa. Anarquistas inicialmente, e depois comunistas, usaram-na em títulos a partir de 1887:

O Estandarte Vermelho, Porto, 1887; *A Bandeira Vermelha*, Lisboa, 1919; *A Bandeira Vermelha*, Porto, 1925; *A Luz Vermelha*, Fafe, 1928; *Páginas Vermelhas*, 1929 (clandestino, copiografado); *O Marinheiro Vermelho* (clandestino), 1934(?); *Notícias Vermelhas* (clandestino), 1939; *O Proletário Vermelho*, Lisboa, 1974.

Também as palavras *germinal*, *semente*, *semeador* ou *sementeira* se repetem em alguns títulos nos primeiros anos do nosso século. Zola tinha celebrizado o primeiro termo desde a publicação, em 1885, do seu romance *Germinal*. Em Portugal aparecem os seguintes periódicos:

Germinal, Setúbal, 1903 e 1915; *A Sementeira*, Lisboa, 1908; *O Semeador*, Portalegre, 1909 (Leite Júnior) e 1912 (Fernando Costa); *O Germinal*, Lourenço Marques, 1914; *Germinal*, Lisboa, 1915, 1916 e 1923; *Germinal*, Porto, 1929.

Há uma palavra, *avante*, que começa por aparecer em título duplicado no mesmo ano e acaba por adquirir uma grande força e persistência na clandestinidade já no nosso tempo:

Avante, Évora, 1909; *Avante*, Barreiro, 1909; *Avante*, Lisboa, 1913, 1919 e 1925; *O Avante*, Évora, 1921; *O Avante*, Covilhã, 1922; *Avante!*, Lisboa, 1922; *Avante!* (órgão central do Partido Comunista), 1931-39 e 1941 (clandestino até 1974).

Por sua vez, a palavra *comunista* só mais recentemente aparece em títulos. Aliada às palavras *anarquista* ou *libertário*, já se empregava como subtítulo em cabeçalhos desde 1889:

O Rebelde, «*Órgão comunista-anarquista*», Lisboa, 1889; *O Lutador*, «*Comunista-anarquista*», Porto, 1895; *A Liberdade*, «*Comunista-libertário*», Lisboa, 1897; *A Batalha Anarquista*, «*Mensário comunista*», Coimbra, 1914; *A Revolta*, «*Quinzenário comunista-anarquista*», Coimbra; *Luz ao Povo*, «*Comunista-anarquista*», Coimbra, 1920.

Mas em título propriamente só aparece desde 1921, ano da fundação do Partido Comunista Português:

Komunist-Esperantisto, Lisboa, 1921; *O Comunista*, Lisboa, 1921 e 1923; *O Jovem Comunista*, Lisboa, 1922; *O Comunista*, Porto, 1926.

As palavras *mutualidade* e *mutualismo* aparecem no nosso século carregadas de sentido reformista:

A Mutualidade, Monchique, 1919; *Mutualidade Popular*, Faro, 1927; *O Mutualismo*, Abrantes, 1933; *Mutualidade de Angola*, Nova Lisboa, 1934; *O Mutualismo*, Lisboa, 1935; *Mutualidade*, Lisboa, 1942; *Mutualista Covilhanense*, Covilhã, 1947.

3. REPRESENTAÇÕES SOCIOPROFISSIONAIS

A representação profissional na imprensa operária é um dos aspectos mais sugestivos que esta inventariação nos oferece. Permite-nos, por um lado, recolher a prioridade e a sucessão das profissões ou grupos socioprofissionais que vão tomando voz no coro cada vez mais polifónico da expressão proletária. Por outro lado, podemos avaliar quais as profissões que se revelaram mais activas na criação de órgãos de imprensa dedicados à defesa dos respectivos interesses de classe.

É claro que o aspecto quantitativo pode, neste caso, induzir em erro. Esta avaliação deve correlacionar-se com a perdurabilidade de cada jornal ou boletim. Um só jornal pode ter tido uma persistência de publicação através de muitos anos, enquanto outros nem um ano chegaram a durar. De qualquer modo, porém, quando não tenha havido perdurabilidade, houve, pelo menos, a insistência em renovar iniciativas com o mesmo objectivo, o que dá ideia do interesse, da actividade e da persistência da respectiva classe.

Agrupamos em seguida, por ordem de prioridade das profissões que se foram exprimindo, os títulos inventariados.

Metalúrgicos, serralheiros, soldadores, desde 1850:

O Eco Metalúrgico, Lisboa, 1850; *Album do Serralheiro*, Porto, 1881; *O Eco Metalúrgico*, Lisboa, 1895; *O Serralheiro*, Lisboa, 1897 (número único); *O Primeiro de Maio*, Setúbal, 1898 (número único, publicado pela Associação de Classe dos Soldadores); *O Produtor*, Setúbal, 1900; *O Metalúrgico*, 1902 (número único, 1.º de Maio); *O Metalúrgico*, Lisboa, 1903 e 1904; *O Serralheiro*, Lisboa, 1918; *O Metalúrgico*, Lisboa, 1924 (número único); *O Eco Metalúrgico*, Lisboa, 1927.

Tipógrafos e operários gráficos, desde 1853:

A Tribuna, Lisboa, 1853; *O Tipógrafo*, Horta, 1858; *O Tipógrafo*, Lisboa, 1880; *A Tipografia*, Lisboa, 1882; *A Imprensa e a Associação*, Lisboa, 1883 (número único); *A Arte Tipográfica*, Lisboa, 1888; *O Gráfico*, Lisboa, 1890; *A Gazeta dos Sonegados*, Porto, 1890 (número-programa); *A Folha de Hoje*, Porto, 1893; *A Tipografia*, Angra do Heroísmo, 1894; *O Revoltado* (clandestino), 1898; *Mérito*, Évora, 1900 (número único); *A Liberdade*, Coimbra, 1903; *A Revista Gráfica*, Porto, 1904; *Boletim Oficial da Associação de Classe dos Compositores*, Lisboa, 1904; *O Tipógrafo*, Lisboa, 1904 (número único); *O Independente*, Portalegre, 1905; *Revista de Artes Gráficas*, Lisboa, 1906; *A Imprensa*, Lisboa, 1907; *O Impressor*, Lisboa, 1907; *A Tipografia*, Lisboa, 1909; *Luta Operária*, Porto, 1909; *O Tipógrafo*, Porto, 1909; *O Gráfico*, Porto, 1911; *O Tipógrafo*, Horta, 1913; *O Trabalho*, Viana do Castelo, 1914; *A Tipografia*, Lisboa, 1915; *O Gráfico*, Lisboa, 1916; *O Gráfico*, Funchal, 1919; *Solidariedade Gráfica*, Porto, 1922(?); *O Gráfico*, Ponta Delgada, 1924; *A Conferência Gráfica*, Porto, 1925; *O Tipógrafo*, Lisboa, 1930; *O Litógrafo*, Porto, 1931 (número comemorativo); *O Gráfico*, Lisboa, 1935 e 1942.

Sapateiros e trabalhadores de cabedal, também desde 1853:

Jornal da Associação Fraternal dos Sapateiros e Artes Que Trabalham em Cabedal, Lisboa, 1853; *Associação dos Sapateiros Lisbonenses*, 1857 (número único); *A Voz do Trabalho*, Lisboa, 1896; *o Tirapé*, Lisboa, 1909; *O Sapateiro*, Porto, 1910 e 1916; *A Luz do Porvir*, Porto, 1911; *O Manu-factor*, Lisboa, 1912.

Professores, desde 1856, predominando em alguns os interesses didáticos e pedagógicos sobre os interesses de classe:

Jornal da Associação dos Professores, Lisboa, 1856; *O Ensino Livre*, Lisboa, 1871 e 1897; *Revista da Educação e Ensino*, Lisboa, 1886; *A Federação Escolar*, Lisboa, 1888; *Educação Nacional*, Porto, 1896; *Boletim da Associação do Magistério Secundário Oficial*, Lisboa, 1903; *O Magistério Português*, Porto, 1904; *Revista do Ensino Médio e Profissional*, Lisboa, 1913; *Revista de Educação Geral e Técnica*, Lisboa, 1916; *Revista dos Liceus*, Porto, 1916; *O Professor Primário*, 1919; *Educação Popular*, Lisboa, 1921; *A Escola Moderna*, Lisboa, 1921; *Boletim da Associação dos Professores de Portugal*, Coimbra, 1924; *Escola Nova*, Coimbra, 1924; *Educação Social*, 1925; *O Ensino do Povo*, Porto, 1925; *Labor*, Aveiro, 1926; *Boletim da Associação dos Professores das Escolas Industriais e Comerciais*, Lisboa, 1927; etc.

Tecelões ou trabalhadores de têxteis aparecem desde cedo, 1858, mas nas nossas buscas foi reduzido o número de jornais diversificados que encontrámos:

Associação Fraternal dos Fabricantes de Tecidos e Artes Correlativas, Alcântara, 1858; *O Fiandeiro*, Porto, 1891; *O Fiandeiro*, Porto, 1897 (número único); *O Fiandeiro*, Porto, 1910; *O Tecido*, Lisboa, 1895; *A Voz do Trabalho*, Porto, 1914; *O Têxtil*, Covilhã, 1927; *O Operário Têxtil*, Porto, 1929 (número único); *O Têxtil* (clandestino), 1956.

Os *funcionários públicos* aparecem em 1866:

O Pantólogo, Braga, 1866; *O Eco do Funcionário*, Braga, 1867; *Os Funcionários Públicos*, Coimbra, 1884; *A Gazeta do Funcionalismo*, Lisboa, 1892; *Os Funcionários Públicos*, Lisboa-Coimbra, 1895; *O Brado*, Lisboa, 1921; *A União*, Lisboa, 1921.

Os *funcionários judiciais*, por sua vez, aparecem mais tarde, em 1891:

O Arbitrador, Lisboa, 1891; *O Judiciário*, Porto, 1900.

Caixeiros ou empregados do comércio é que aparecem em grande profusão, e por todo o País, a partir de 1875, e muitas vezes ligados à reivindicação fundamental do descanso aos domingos, um direito que foi custoso de alcançar — legalmente em 1907, depois de sucessivamente ter sido obtido na prática (em Braga, por exemplo, em 1898):

O Domingo, 1875; *A Aurora Comercial*, Lisboa, 1876; *Federação Comercial*, Lisboa, 1877; *O Escarro*, Lisboa, 1883; *A Voz dos Caixeiros*, Lisboa, 1883; *Aurora Comercial*, Porto, 1886; *O Caixeirinho*, Guimarães, 1886; *Almanaque dos Caixeiros de Santarém*, 1887; *O Domingo*, Lisboa, 1887 (número único); *O Caixeiro Português*, Lisboa, 1888; *A Voz do Caixeiro*, Lisboa, 1888; *A Federação Comercial*, Porto, 1891; *O Caixeiro*, Lisboa, 1896; *Gazeta dos Empregados do Comércio e Indústria*, Lisboa, 1896; *O Caixeiro Português*, Lisboa, 1897; *A Aurora Comercial*, Braga, 1898 (número único, dedicado ao comércio bracarense em comemoração do encerramento das lojas ao domingo); *A Associação*, Lisboa, 1902 (número único comemorativo do 30.º aniversário); *O Caixeiro*, Lisboa, 1902; *O Ideal*, Lourenço Marques, 1902 (número único); *A Luz do Comércio*, Porto, 1902; *A Aurora Comercial*, Coimbra, 1903; *A Desafronta*, Coimbra, 1903 (número único); *A Folha dos Caixeiros*, Guimarães, 1904; *A Luz do Comércio*, Porto, 1904; *Luz do Caixeiro*, Barcelos, 1907; *O Caixeiro*, Coimbra, 1907; *O Caixeiro*, Lisboa, 1907; *O Caixeiro do Norte*, Porto, 1907; *A Voz do Caixeiro*, Évora, 1909; *Defesa*, Braga, 1909; *O Caixeiro Moderno*, Lisboa, 1909; *Luta Nova*, Porto, 1909; *A Evolução*, Coimbra, 1910; *A Alvorada*, Setúbal, 1911; *O Caixeiro do Sul*, Beja, 1911; *O Caixeiro da Beira*, Viseu, 1911; *A Voz do Caixeiro*, Coimbra, 1911; *O Caixeiro*, Barcelos, 1912; *O Marçano*, Barcelos, 1912(?); *União e Luz*, Figueira da Foz, 1914; *Luz e Vida*, Porto, 1916; *O Caixeiro Português*, Lisboa, 1917; *O Trabalhador do Comércio*, Lisboa, 1918; *O Caixeiro Livre*, Beja, 1919; *Sempre Unidos*, Barcelos, 1919; *O Caixeiro*, Anadia, 1920; *O Despertar*, Évora, 1921; *O Caixeiro Bracarense*, Braga, 1921 (número único); *A Mocidade*, Luanda, 1924; *O Despertar*, Angra do Heroísmo,

1926; *A Folha do Caixeiro*, Tomar, 1928; *Vida Livre*, Póvoa de Varzim, 1929; *A Voz do Comércio*, Porto, 1929; *Unidade*, Lisboa, 1932; *A Vanguarda*, Beira, 1933; *O Trabalho Nacional*, Lisboa, 1935; *O Caixeiro*, Vila Real, 1936 (número único); *Trabalhador do Comércio*, Lisboa, 1975.

Os *trabalhadores dos serviços telégrafo-postais* não se limitam a transmitir e a assegurar a voz ou a palavra através dos fios. A letra de imprensa é aplicada em jornais do seu grupo profissional a partir de 1881:

O Correio das Províncias, 1881; *O Correio Eléctrico*, Évora, 1883; *Correios e Telégrafos*, Lisboa, 1884; *Correios e Telégrafos*, Coimbra, 1885; *O Defensor do Telégrafo-Postal*, Porto, 1889; *A Correspondência*, Coimbra, 1891; *A Gazeta Telégrafo-Postal*, Ponta Delgada, 1894; *O Defensor do Telégrafo-Postal*, Porto, 1911; *O Encarregado da Estação*, Alijó, 1911; *O Eco Telégrafo-Postal*, Lisboa, 1914; *O Libelo*, Mirandela, 1915; *União Postográfica*, Lisboa, 1923; *A Acção*, Lisboa, 1924; *Correio e Telégrafo*, Porto, 1926; *O Correio e as Telecomunicações*, Porto, 1926; *O Carteiro*, Porto, 1929; *A União Telégrafo-Postal*, Porto, 1926; *Gazeta dos Correios e Telégrafos*, Porto, 1932.

Barbeiros e cabeleiros também encontram em jornais próprios, desde 1882, a maneira de congregar os seus interesses, a despeito da dispersão do ofício:

O Barbeiro, Porto, 1882; *Eco*, Lisboa, 1885; *O Correio da Semana*, Lisboa, 1885; *A Alvorada de 31 de Janeiro*, Porto, 1891 (número único); *O Barbeiro do Norte*, Porto, 1901; *O Clarão*, Porto, 1904; *O Esforço*, Porto, 1909; *O Reivindicador*, Porto, 1915; *O Barbeiro Livre*, Lisboa, 1925.

Os *ferroviários* tomam a voz na imprensa a partir do mesmo ano de 1882:

A Locomotiva Portuguesa, Régua, 1882; *A Máquina*, Porto, 1893; *Correios e Telégrafos*, Coimbra, 1885; *Minho e Douro*, Porto, 1893; *O Rápido*, Lisboa, 1900; *A Escravidão*, Braga, 1900; *O Defensor*, Coimbra, 1903; *A Locomotiva*, Lisboa, 1905; *A Alvorada*, Santarém, 1907; *O Defensor Ferroviário*, Porto, 1910; *O Carril*, 1911; *O Ferroviário*, Lisboa, 1912; *Eco Ferroviário*, Lisboa, 1919; *Minho e Douro*, Porto, 1920 e 1929; *A Federação Ferroviária*, Lisboa, 1922; *A Voz do Ferroviário*, Ermezinde, 1922; *O Rápido*, Figueira da Foz, 1925; *A Voz do Ferrocarril*, Coimbra, 1926; *A Voz dos Ferroviários*, Lisboa, 1937; *O Trabalho Ferroviário*, Barreiro, 1941.

Os *carpinteiros e outros trabalhadores da construção civil* aparecem em 1886:

A Garlopa, Lisboa, 1886; *A Obra*, Lisboa, 1891; *O Construtor Civil*, Lisboa, 1896 (2.^a série); *O Construtor Civil*, Porto, 1897 e 1903; *Mutualidade*, Lisboa, 1902; *O Construtor*, Lisboa, 1906 e 1911; *O Marceneiro*, Lisboa, 1912 (número comemorativo), e Porto, 1912; *Os Construtores*, Lisboa, 1913 (número único); *União e Luz*, Figueira da Foz, 1914; *Aos Operários da Construção Civil*, Guimarães, 1920; *O Operário do Mobiliário*, Lisboa, 1923; *O Mobiliário*, Lisboa, 1923 (número único); *A Voz*

do Construtor, 1928; *O Trabalho*, Esposende, 1932; *O Operário Construtor*, Lisboa.

Militares, desde 1887:

A Voz do Veterano (oficiais militares reformados), Lisboa, 1887; *O Sargento* (sargentos e músicos do Exército), Coimbra, 1888; *O Povo e o Exército*, Coimbra, 1891.

Manipuladores de tabaco, desde 1889:

A Tribuna do Operário, Porto, 1889; *A Voz do Operário*, Lisboa, 1889; *A Tribuna*, Porto, 1892; *A Voz do Proletário*, Porto, 1896(?); *A Defesa Operária*, Porto, 1909; *Eco dos Tabacos*, Lisboa, 1932.

Tanoeiros, desde 1893:

A Federação, Lisboa, 1893; *A Luz do Operário*, Gaia, 1893; *O Lutador*, Porto, 1896; *A Voz do Tanoeiro*, Gaia, 1901; *O Despertar*, Gaia, 1901; *O Azorrague*, Gaia, 1907; *O Tanoeiro*, Lisboa-Marvila, 1911; *O Libertador*, Porto, 1917; *O Liberto*, Vila Nova de Gaia, 1934; *A Voz do Trabalho*, Vila Nova de Gaia, 1935.

Trabalhadores de alimentação, vendedores de mercado, empregados de mesa e corretores, desde 1892:

O Cortador, Lisboa, 1892; *O Manipulador*, Lisboa, 1894, 1919, 1926, 1930 e 1932; *A Defesa*, Lisboa, 1899; *O Proletário*, Porto, 1901; *O Refinador*, Porto, 1903; *O Conflito*, Lisboa, 1909; *O Confeiteiro*, 1910; *Luz e Vida*, Porto, 1912; *O Manipulador de Pão*, Porto, 1914, e Lisboa, 1926; *O Operário Confeiteiro*, Lisboa, 1930; *Trabalhador da Alimentação*, Lisboa, 1932; *O Primeiro de Maio*, Lisboa, 1979.

Pessoal dos hospitais, desde 1895:

A Lanterna Hospitalar, Lisboa, 1895; *A Ambulância*, Lisboa, 1910; *O Enfermeiro Português*, Porto, 1929.

Trabalhadores do livro, desde 1895:

A Greve dos Livreiros, Porto, 1895 (panfletos).

Ocupando-se de *problemas do trabalho agrícola*, aparecem publicações periódicas desde o final do século passado, sendo porém de notar que os «sindicatos agrícolas» haviam sido criados oficialmente em 1894, como «reserva contra as hostes crescentes do anarquismo», e em 1896, como associações locais de agricultores:

Revista Agrícola de Guimarães, 1896; *A Gleba*, Celorico da Beira, 1897; *Boletim dos Sindicatos Agrícolas de Coimbra*, 1900; *O Trabalhador Rural*, Évora, 1912 e 1925; *Lavoura de Vieira*, Vieira do Minho, 1912; *Terra Livre*, Lisboa, 1913; *A Federação Agrícola*, Torres Vedras, 1921,

e Lisboa, 1929; *O Camponês* (clandestino dos camponeses do Sul e órgão clandestino da unidade dos camponeses), 1946 ou 1947; *O Lavrador do Norte* (clandestino), 1961; *Folha da Pequena Lavoura*, (clandestino), 1962; *A Terra* (órgão clandestino de unidade dos camponeses do Norte), 1963.

Chapeleiros, desde 1896:

O Chapeleiro, Lisboa, 1896 e 1906; *O Chapeleiro*, Braga, 1896; *Pró-Chapeleiro*, Lisboa, 1900; *A Luta*, Lisboa, 1900 e 1902 (números únicos); *O Chapeleiro*, Porto, 1905 e 1909 (2.^a série); *O Chapeleiro Português*, Porto, 1921.

Farmacêuticos, também desde 1896:

A Aurora Farmacêutica, Évora, 1896; *O Libertador*, Setúbal, 1901; *Acção Farmacêutica*, Porto, 1924.

Contabilistas e empregados de escritório, desde 1897:

O Comércio, Lisboa, 1897; *A Gazeta do Empregado de Escritório*, Arraiolos, 1925.

Corticeiros, desde 1899:

O Corticeiro, Almada, 1899; *A Voz do Corticeiro*, Lisboa, 1906; *O Corticeiro*, Marvila, 1909; *Cortiças de Portugal* (independente), Lisboa, 1928; *O Corticeiro*, Lisboa (número especial da Associação de Classe); *O Corticeiro* (clandestino).

Trabalhadores marítimos, desde 1904:

O Correio Marítimo, Lisboa, 1904; *A Voz do Marítimo*, Lisboa, 1911; *O Marítimo*, Lisboa, 1923; *A Voz do Marítimo*, Porto, 1925; *O Marinheiro Vermelho* (clandestino), 1936(?); *Trabalhador do Tráfego*, Lisboa, 1937; *O Operário Marítimo*, Nazaré, 1975.

Alfaiates e costureiras, desde 1907:

O Alfaiate, Porto, 1907 (número único); *O Alfaiate*, Porto, 1908; *A Luz*, Porto, 1931.

Em 1911 erguem a sua voz os operários da indústria de carruagens:

O Carruageiro, Lisboa, 1911 e 1915.

Em 1914, os trabalhadores do Arsenal:

O Arsenalista, Lisboa, 1914; *O Eco do Arsenal*, Lisboa, 1914 e 1923.

E em 1919 tomam a palavra os trabalhadores do teatro:

Trabalhadores do Teatro, Lisboa, 1919.

4. ALASTRAMENTO GEOGRÁFICO

A ordenação cronológica da imprensa operária inventariada permite também acompanhar, na sucessão do tempo, o alastramento da rede da organização do operariado. Diferentes núcleos vão-se afirmando através da edição de jornais locais. Mesmo quando, como por vezes acontece, os jornais não sejam de operários, são-lhes destinados, o que representa a existência de um proletariado local potencialmente receptivo.

Mais tardios, aparecem-nos ainda: os *bancários*, desde 1924 (*Boletim do Sindicato dos Empregados do BNU e Jornal dos Empregados Bancários*, ambos de Lisboa); os *mineiros*, desde 1930 (*A Voz dos Mineiros*, São Domingos); os *operários das Companhias do Gás e Electricidade* (*O Electrogaz*, Lisboa, 1930), e os *trabalhadores da Companhia Carris de Ferro de Lisboa* (*O Eléctrico*, 1930).

Lisboa e Porto são as duas grandes capitais do proletariado português, onde, desde o século passado, a imprensa operária mais prolifera. Grande número das iniciativas tomadas em Lisboa são seguidas, quase a par e passo, pelos trabalhadores do Porto.

A seguir a essas duas cidades, é *Coimbra* a que, de longe, oferece um leque mais rico de jornais, por vezes com certa mistura de operários e estudantes:

Defensor dos Artistas, 1854; *O Ateneu*, 1859; *A Liberdade*, 1863; *O Povo*, 1866; *O Trabalho*, 1870; *A Federação*, 1870; *A Lucerna*, 1878; *Jornal dos Artistas*, 1878; *Voz do Artista*, 1878; *O Artista*, 1879; *O Correio das Províncias*, 1881; *A Folha do Povo*, 1881; *A Oficina*, 1883; *Os Funcionários Públicos*, 1884; *Ateneu Popular*, 1887 (número único); *O Sargento*, 1888; *A Voz do Povo*, 1889; *O Primeiro de Maio*, 1890; *O Povo e o Exército*, 1891; *A Liberdade Popular*, 1891; *Correspondência*, 1891; *O Defensor do Povo*, 1892; *Conquista do Bem*, 1894; *Os Bárbaros*, 1894; *O Operário de Coimbra*, 1895; *O Caminho*, 1897; *A Social*, 1897; *Boletim do Sindicato Agrícola de Coimbra*, 1900; *O Despertar*, 1902; *Revista Livre*, 1902; *O Defensor*, 1903; *A Desafronta*, 1903 (número único); *A Liberdade*, 1903; *A Verdade*, 1903; *A Aurora Comercial*, 1903; *A Plebe*, 1904; *A Aurora*, 1904; *A Manhã*, 1905; *Estudos Sociais*, 1905; *Era Nova*, 1906; *O Caixeiro*, 1907; *A Revolta*, 1908; *A Evolução*, 1910; *O Clarão*, 1910; *Conquista do Bem*, 1910 (2.^a fase); *O Libertador*, 1910; *O Operário de Coimbra*, 1910; *A Revolução Social*, 1911; *Vida Livre*, 1911; *A Voz do Caixeiro*, 1911; *A Anarquia*, 1913; *O Rebelde*, 1913; *A Revolta*, 1913 e 1914; *A Batalha Anarquista*, 1914; *A Voz Socialista*, 1919; *Luz ao Povo*, 1920; *O Alarme*, 1921; *Boletim da Associação dos Professores de Portugal*, 1924; *A Voz do Ferro-Carril*, 1926; *O Primeiro de Maio*, 1957 (número único).

Na sucessão do tempo vão aparecendo as seguintes cidades, vilas ou outras localidades:

Horta, desde 1858:

852 *O Tipógrafo*, 1858; *O Tribuno*, 1871; *O Direito Popular*, 1879; *O Operário*, 1913; *O Tipógrafo*, 1913.

Évora, desde 1865:

O Clamor dos Artistas, 1865; *A Ideia*, 1877; *O Correio Eléctrico*, 1883; *O Operário*, 1889; *A Aurora Farmacêutica*, 1896; *Mérito*, 1900 (número único dos tipógrafos); *A Alvorada*, 1903; *Avante!*, 1909; *A Voz do Caixeiro*, 1909; *O Trabalhador Rural*, 1912; *O Primeiro de Maio*, 1914 (número único); *Aurora Social*, 1919; *O Despertar*, 1921.

Funchal, também desde 1865:

O Defensor do Trabalho, 1865; *A Ideia*, 1898; *A Voz do Operário*, 1899; *Trabalho e União*, 1902; *O Rebelde*, 1910; *O Operário*, 1920; *O Proletário*, 1922; *A Batalha*, 1926.

Braga, desde 1866:

O Pantólogo, 1866; *O Eco do Funcionário*, 1867; *O Artista*, 1871; *O Operário*, 1871; *O Amigo do Povo*, 1877; *O Chapeleiro*, 1896; *O Combatente*, 1896; *A Escravidão*, 1900; *Defesa*, 1909; *O Caixeiro Bracarense*, 1921 (número único); *A Luta Social*, 1929 (número único do 1.º de Maio).

Ponta Delgada, desde 1867:

O Clamor Artístico, 1867; *Defensor do Trabalho*, 1869; *O Artista*, 1877; *Direito Social*, 1880; *O Trabalhador*, 1888; *A Gazeta Telégrafo-Postal*, 1894; *A Vida Nova*, 1908; *O Proletário*, 1913; *O Protesto*, 1916; *Eco dos Operários*, 1921; *O Gráfico*, 1924; *O Estandarte*, 1926.

Covilhã, desde 1869:

Eco Operário, 1869; *O Artista*, 1886 (número único); *A Religião e o Operário*, 1893; *O Rebate*, 1902; *Agitador*, 1895; *A Estrela*, 1907; *O Trabalho*, 1921; *O Avante*, 1922; *O Têxtil*, 1927; *A Cooperativa*, 1930 (número único); *Voz dos Trabalhadores*, 1932; *Mutualista Covilhanense*, 1947.

Setúbal, desde 1872:

O Trabalho, 1872; *A Associação*, 1898 (número único); *O Primeiro de Maio*, 1898 (número único); *O Produtor*, 1900; *O Proletário*, 1900; *O Trabalho*, 1900; *O Libertador*, 1901; *O Germinal*, 1903; *O Combate*, 1908; *A Alvorada*, 1911; *O Trabalho de Setúbal*, 1913; *O Semeador*, 1915; *Ideia Nova*, 1917; *Voz Sindical*, 1923.

Vila Real, desde 1873:

O Transmontano, 1873; *A Voz do Artista*, 1887; *O Caixeiro*, 1936 (número único).

Vila Nova de Famalicão, desde 1875:

Jornal dos Artistas, 1875; *A Igualdade*, 1885; *O Clarão*, 1920.

Portimão, igualmente em 1875:

Jornal dos Artistas, 1875.

Angra do Heroísmo, desde 1876:

A Ideia Social, 1876; *O Protesto*, 1877; *O Direito do Povo*, 1877; *O Artista*, 1885; *O Operário*, 1886; *A Fraternidade Artística*, 1887; *O Tipógrafo*, 1894; *Primeiro de Maio*, 1902; *O Revolucionário*, 1911; *O Trabalho*, 1917; *O Despertar*, 1926; *O Proletário*, 1928.

Santarém, desde o ano seguinte:

A Aurora, 1877; *Almanaque dos Caixeiros de Santarém*, 1887; *A Alvorada*, 1907.

Tomar, desde 1879:

A Emancipação, 1879; *A Folha do Caixeiro*, 1928.

Celorico de Basto aparece em 1884:

O Minho Democrático, 1884.

Viana do Castelo surge no ano seguinte:

A Fraternidade, 1885 (número único); *O Lutador*, 1903; *Trabalho*, 1914.

Barcelos aparece no mesmo ano:

A Ideia Nova, 1885; *A Fraternidade*, 1904; *Luz do Caixeiro*, 1907; *O Despertar*, 1909; *O Radical*, 1910(?); *O Caixeiro*, 1912; *O Marçano*, 1912(?); *Acção Social*, 1916; *Sempre Unidos*, 1919; *O Operário*, 1926.

Guimarães no ano seguinte:

O Caixeirinho, 1886; *Povo de Guimarães*, 1896 e 1904; *Fraternidade Operária*, 1901 (número único); *A Folha do Caixeiro*, 1904; *A Alvorada*, 1907; *O Socialista de Guimarães*, 1912 (número único); *O Despertar*, 1914; *O Trabalho*, 1915; *O Baluarte*, 1920; *Aos Operários da Construção Civil*, 1920; *O Mutualismo*, 1933.

Vila Nova de Gaia, desde 1888:

A Colmeia do Trabalho, 1888; *A Voz do Proletário*, 1892; *A Luz do Operário*, 1893; *A Alvorada*, 1901; *O Despertar*, 1901; *O Lutador*, 1901; *O Azorrague*, 1907; *O Libertador*, 1913; *A Voz do Trabalho*, 1935.

Lajes, na ilha das Flores, aparece no mesmo ano:

O Trabalhador, 1888.

Arganil, também em 1888:

Fraternidade (número único).

Figueira da Foz, desde 1889:

O Operariado, 1889; *O Operário*, 1889; *Operariado Figueirense*, 1897; *A Voz da Justiça*, 1907; *União e Luz*, 1914; *O Grito*, 1920; *O Rápido*, 1925.

Cantanhede aparece no mesmo ano:

A Voz do Povo, 1889.

Na última década do século vai adensar-se a mancha geográfica, assinalada já desde o Norte do continente até às ilhas dos Açores e da Madeira:

Olhão, em 1890:

O Futuro.

Lamego, desde 1892:

O Democrata da Beira, 1892; *A Luz*, 1894; *Nova Aurora*, 1897; *O Proletário*, 1914.

Aveiro, desde 1893:

O Artista, 1893; *O Varino*, 1897; *O Proletário*, 1907 e 1913; *O Grito Social*, Aradas, 1913.

Portalegre aparece também a partir de 1893:

1.º de Maio, 1893 (número único); *O Amigo do Povo*, 1901; *O Independente*, 1905; *O Semeador* (J. Leite Júnior), 1909; *O Semeador* (Fernando Costa), 1912 e 1914.

Alenquer, em 1895:

A Cooperativa.

Abrantes, desde 1896:

A Voz do Artista, 1896; *O Mutualismo*, 1933.

Celorico da Beira, em 1897:

A Gleba.

Viseu, desde 1898:

A Voz da Oficina, 1898; *A Província*, 1909; *Catecismo Social*, 1911; *O Caixeiro da Beira*, 1911; *O Grito do Operário*, 1920; *A Voz da Oficina*, 1925; *O Trabalho*, 1933.

Almada, em 1899:

O Corticeiro.

Gouveia, também desde 1899:

O Trabalho, 1899; *A Solidariedade*, 1909; *A Barricada*, 1909; *A Evolução*, 1909; *O Primeiro de Maio*, 1931.

Ao iniciar-se o novo século, a imprensa operária estende-se a novas localidades:

Beja, desde 1902:

O Socialista no Baixo Alentejo, 1902; *Reivindicação*, 1905 (número único); *O Caixeiro do Sul*, 1911; *O Operário*, 1911; *O Rebelde*, 1918; *O Caixeiro Livre*, 1919.

Ribeira Grande, em 1902:

O Trabalho.

Vila do Conde (Maia), em 1903:

O Lutador, 1903; *A Plebe*, 1925.

Sines, em 1906(?):

A Vida.

Guarda, em 1908:

O Combate.

Amarante, em 1909:

A Voz da Manhã.

Barreiro, em 1909:

Avante!

Marvila, também em 1909:

O Corticeiro.

Carnaxide, igualmente em 1909:

Paz e Liberdade.

Dafundo, ainda em 1909:

Novos Horizontes.

Pode dizer-se, por isso, que, ainda no tempo da Monarquia, a imprensa operária se tinha expandido por todo o território nacional. Só nos distritos de Bragança e Castelo Branco não detectámos ainda qualquer imprensa de carácter ou destino proletário.

A partir de 1910, com a implantação da República, o proletariado passa a fazer ouvir a sua voz, através da imprensa, em muitas outras localidades:

Leiria, desde 1910:

O Rebelde, 1910; *Trabalho e Previdência*, 1937.

Santo Tirso, ainda em 1910:

Luta Operária.

Estremoz, desde 1911:

A Federação, 1911; *O Proletário*, 1918.

Aljustrel, ainda em 1911:

A Revolta.

Chaves, em 1911:

A Igualdade.

Torres Novas, também em 1911:

O Operário.

Elvas, desde 1911:

O Primeiro de Maio (número único); *O Rebelde*, 1925.

Seia, em 1911:

O Trabalhador.

Castelo Branco, desde 1912:

O Futuro e O Rebate.

Faro, também desde 1912:

O Libertário, 1912; *A Ideia*, 1916; *O Combatente*, 1919; *Mutualidade Popular*, 1927.

Vila Real de Santo António, em 1913:

O Lutador.

Vidago, em 1914:

O Agitador.

Pombal, em 1914:

O Operário (número único).

Lousada, em 1915:

A Revolta.

Mirandela, em 1915:

O Libelo.

Mondim de Basto, também em 1915:

O Mondinense.

Ílhavo, desde 1916:

O Operário, 1916; *O Trabalho*, 1924.

Cuba, no Alentejo, em 1916:

A Questão Social.

Loulé, em 1917:

O Primeiro de Maio.

Monchique, em 1919:

Mutualidade.

Anadia, em 1920:

O Caixeiro.

Torres Vedras, em 1921:

Federação Agrícola.

Rio Tinto, também em 1921:

O Ideal da Mocidade.

Ermesinde, em 1922:

A Voz do Ferroviário.

Espinho, em 1924:

O Trabalhador.

Monção, em 1925:

A Voz do Operário.

Arraiolos, no mesmo ano:

A Gazeta do Empregado de Escritório.

Fafe, em 1928:

A Luz Vermelha.

Espozende, em 1932:

O Trabalho.

Barreiro, em 1941:

O Trabalho Ferroviário.

Condeixa-a-Velha, em 1975:

O Trabalhador.

Fora do território continental e insular, nas antigas *possessões ultramarinas* ou noutros *centros de comunidades* portuguesas podem detectar-se também:

Em 1902:

O Ideal, Lourenço Marques (número único).

Em 1907:

Vida Nova, Lourenço Marques.

Em 1911:

O Popular, Honolulu (órgão da classe operária portuguesa no território de Havai); *A Federação*, Lourenço Marques; *Os Simples*, Lourenço Marques.

Em 1912:

O Proletário, Lourenço Marques.

Em 1914:

O Germinal, Lourenço Marques.

Em 1920:

O Emancipador, Lourenço Marques.

Em 1924:

A Mocidade, Luanda (jornal da Associação dos Empregados do Comércio).

Em 1933:

O Trabalho, São Tomé; *A Tribuna*, Luanda, *A Vanguarda*, Beira.

Em 1934:

Mutualidade de Angola, Nova Lisboa.

Em 1935 e 1936:

O Primeiro de Maio, Lourenço Marques.

Em 1963:

Trabalho, Luanda.

5. CONSIDERAÇÃO FINAL

O que aí fica é uma amostra das perspectivas que nos pode oferecer uma inventariação ordenada e sistematizada da imprensa operária portuguesa. Não é exaustiva, repete-se, e está sujeita ainda a rectificações. Mas pode constituir desde já um ponto de partida para novas e diversificadas investigações. Por exemplo, a inventariação exaustiva da imprensa de cada localidade ou região, ou sectorial por profissões. As bibliotecas centrais ou regionais, assim como as uniões e federações de sindicatos, podem e devem interessar-se por isso e tentar obter e arquivar colecções desses jornais. Na maioria dos casos, já nem será mais possível — reeamos — alcançar integralmente esse desiderato. Mas tudo vai do começar. Desde que se formem núcleos aglutinadores, sempre se salvarão exemplares dispersos que restam ainda no fundo de qualquer baú em vésperas de destruição. É a partir daí que se poderão elaborar monografias de muito interesse para diferentes regiões do País e para as várias profissões da classe trabalhadora. A Câmara Municipal de Portalegre, por exemplo, acaba de editar uma reprodução fotográfica dos jornais dessa cidade.

A própria detecção das falhas observáveis nesta mostra será um bom ponto de partida para lá chegar. E será também, desde já — estamos certos disso —, um estimulante ponto crítico...

Lisboa, Maio de 1981.